

Dois pequenos textos noruegueses coletados por Ivar Aasen, extraídos da 1ª edição do livro *Prøver af Landsmaalet*, publicado em 1853

Yuri Fabril

No presente artigo apresentamos dois pequenos textos (*lesestykke*) coletados pelo linguista e poeta norueguês, Ivar Aasen (1813 – 1896), como também suas traduções. Na introdução faremos uma apresentação sobre a formação das línguas escritas (*bokmål* e *nynorsk*) e sobre algumas das razões pelas quais a Noruega tem tantos dialetos. Também apresentaremos os elementos folclóricos existentes nesses contos. Por fim, realizaremos uma comparação entre os substantivos masculinos, femininos e neutros fortes existentes nesses contos com as formas do antigo nórdico e das duas normas escritas.

Ivar Aasen nasceu em Ørsla, comuna no distrito de Sunnmøre, condado de Møre og Romsdal. Ele é mais conhecido por ter sido o fundador de uma das normas escritas oficiais da Noruega, o *nynorsk*; a outra norma escrita é conhecida como *bokmål*. De acordo com o centro de documentação da cultura escrita *nynorsk*, o *Ivar Aasen-tunel*², essa norma escrita era utilizada em 2015 por 15% da população.

O *nynorsk* surgiu no século XIX como uma resposta à necessidade de uma língua escrita legitimamente norueguesa, pois o dinamarquês foi a única língua oficial utilizada na Noruega entre 1523 e 1814 por conta da dominação dinamarquesa.

1 Graduação no Curso de Letras, Habilitação em Alemão (USP) e mestre pelo programa Filologia e Língua Portuguesa (USP).

2 <http://www.aasentunet.no/11+Offentleg+forvaltning.d25-SxdLK0y.ips?get=content>

No entanto, a partir de 1814 a Noruega passou a fazer parte de uma união com a Suécia. Isso ocorreu porque a Dinamarca, que estava do lado da França nas Guerras Napoleônicas, teve que cedê-la para a Suécia por conta do Tratado de Kiel, ratificado em 15 de janeiro. Em compensação, a Dinamarca recebeu a Pomerânia sueca. De acordo com Lunden (1992, p. 37), a Noruega não aceitou o tratado em nenhum momento e, por isso, os noruegueses fizeram rebeliões, tendo como líder o príncipe herdeiro Christian Frederik, e no dia 17 de maio de 1814 fundaram um Estado norueguês independente por meio da ratificação da Constituição e da coroação do príncipe herdeiro como rei norueguês. Esta Constituição foi determinada unanimemente por uma assembleia constituinte realizada em Eidsvoll no dia 16 de maio. Em 14 de agosto de 1814 ocorreu a Convenção de Moss, um tratado de paz entre o príncipe herdeiro sueco Karl Johan e o reino norueguês, após um pequeno conflito entre os dois países conhecido como *Den svensk-norske krigen*. Neste tratado, proposto por Karl Johan a Christian Frederik, determinou-se que a Noruega reconheceria a união com a Suécia e esta aceitaria a Constituição norueguesa. Sejsted (2017) afirma que essa proposta surgiu apenas por pressão da Inglaterra. A união com a Suécia veio a se dissolver em 1905.

Segundo Torp & Vikør (2000, p. 119), o momento de união com a Suécia criou um ambiente de indagação nacional sobre a utilização do idioma escrito dinamarquês, uma vez que a Noruega era um país com constituição própria. Os principais pensadores a abordar esse tema foram Henrik Wergeland (1808-1845), Peter Andreas Munch (1810-1863), Ivar Aasen (1813-1896), Peter Christen Asbjørnsen (1812-1885), Bjørnstjerne Bjørnson (1832-1903) e Knud Knudsen (1812-1895). Conforme discutimos em outro trabalho (VENANCIO, 2017, p. 77), houve duas frentes: a frente do *fornorsking* (“norueguização”), iniciada com Henrik Wergeland (1808-1845), que daria origem à norma *riksmål*, que em posteriormente viria a ser o *bokmål*; e a frente *måltreising* (“edificação da língua”), iniciada por Peter Andreas Munch (1810-1863), que serviria como ponto de partida para a formação da norma *landsmål*, que mais tarde viria a ser o *nynorsk*. A primeira corrente, moderada, tinha como objetivo a inserção de palavras e formas norueguesas na língua dinamarquesa, enquanto a outra, radical, pretendia restabelecer uma língua norueguesa outrora perdida por conta dessa dominação dinamarquesa centenária; portanto, ambas tinham em comum a visão de uma língua nacional.

Torp & Vikør (2000, p. 119-120) também afirmam que nos primeiros anos dessa união o sueco era visto como uma ameaça, mas com o tempo percebeu-se que essa língua não tentaria influenciar a língua escrita dinamarquesa; no entanto, por volta de 1830 a grande disparidade entre a língua escrita e o dialetos foi percebida e entendida como um problema nacional.

Ivar Aasen foi quem deu continuidade à frente radical *målreising*. Torp & Vikør (2000, p. 147) afirmam que ele percebeu que os dialetos representavam um norueguês comum que se diferenciava sistematicamente das outras línguas escandinavas. Essa percepção veio a partir do estudo de seu dialeto nativo, o *sunnmørsmål* do município de Sunnmøre no condado de Møre og Romsdal. Inspirado pelos ideais românticos que dominavam o país nesse período, empenhou-se em coletar os dialetos do oeste da Noruega e formular uma língua nacional. Em 1836 o linguista publicou um ensaio chamado *Om vårt skriftspråket* (“sobre nossa língua escrita”)³. Segundo o autor, “[...] se a Noruega tivesse conquistado sua autonomia política durante esses séculos, nossa língua principal poderia ser aquela da gente comum” (trad. nossa).

Em 1853, Aasen publica o livro *Prover af Landsmaalet*. Além dos dois textos curtos escritos em dialeto e traduzidos nesse presente artigo, há mais dezoito. Em seguida, o autor insere um adendo em que explica a proposta do livro e seu método de criação de uma língua comum dos camponeses, junto com outros textos transcritos na língua proposta por ele. Aasen (1853, p. 72) afirma:

A forma de língua na qual os textos estão escritos deve ser considerada como a forma proposta de uma língua comum norueguesa sujeita a um exame mais minucioso, ou como uma tentativa de unir as línguas das aldeias e, assim, utilizar o vocabulário compartilhado (palavras e expressões) em uma construção formal gramaticalmente unificada.

Em suma, Aasen tinha a intenção de fundar uma língua da terra (por isso chamada de *landsmål*), comum para todos os dialetos. No entanto, as normas desse construto só foram publicadas em sua gramática (Norsk Grammatik, 1864) e em seu dicionário (Norsk Ordbog, 1873).

A respeito dos dialetos, Jahr (1990, p. 7) afirma que “na Noruega, ser de um lugar é muito importante, assim como ter um lugar onde sentir-se mais em casa do que em outros lugares [...]”. Além do mais, “identificar-se com o lugar em que se nasceu é importante para muitos noruegueses. O uso do dialeto está intimamente interligado a isso. O dialeto conta aos outros de que local nós viemos e faz com que a gente sempre saiba onde está nosso lar”. A respeito do número de dialetos na Noruega, Jahr afirma que “é uma pergunta interessante, mas de resposta tão difícil como se a comparássemos com a resposta relativa ao número de lugares de onde uma pessoa pode vir na Noruega”. Dessa forma, o autor considera que “cada

3 Disponível em: http://www.aasentunet.no/1836+Om+vort+Skriftsprog;b7C_wJnW5O.ips

comuna tem seu dialeto”. De acordo com a enciclopédia *Store Norske Leksikon*⁴, havia 428 comunas em 2016.

Ao considerar a possibilidade de haver dialetos na Suécia e na Dinamarca, Jahr (1990, p. 8) afirma:

Com base no modo de falar de cada um, pode-se determinar se alguém é de Skåne ou de Norrland. Na Dinamarca, ao ouvir uma pessoa, é possível saber se ela vem de Jylland ou de Sjælland. Porém, na Suécia e na Dinamarca de hoje em dia, dificilmente se vai mais longe, de modo que se possa descobrir exatamente de onde uma pessoa vem dentro de cada uma dessas regiões. Na Noruega, entretanto, isso é possível (tradução nossa).

A grande quantidade de dialetos se deve, por um lado, à geografia norueguesa. Em tempos antigos, os fiordes e o mar permitiam que as pessoas se encontrassem; no continente, por outro lado, altas montanhas, amplos planaltos, florestas e grandes distâncias impediam comunicações e contatos diretos (JAHR, 1990, p. 8; SKJEKKELAND, 2010, p. 30). Skjekkeland também cita como um importante causador de diferenças dialetais lugares de encontro popular e divisões administrativas como, por exemplo, as da igreja. Desde tempos antigos, as paróquias são a menor unidade administrativa da igreja e, portanto, aqueles que moravam na mesma freguesia tinham a Igreja como um ponto de encontro. Os membros, portanto, se encontravam e conversavam com outros da mesma freguesia, fazendo com que adaptassem suas falas e, assim, adquirissem as mesmas características linguísticas.

Os dois contos retirados dessas amostras para esse artigo estão, portanto, escritos em dois dialetos diferentes, sem nenhuma norma ortográfica e, por conta disso, representam bastante a língua falada.

O primeiro conto, *Troll'e Paa Stalltræve*, é da região de Valdres, no condado de Oppland, e o segundo, *Gjenta i Lyklabaugen*, é de Sogn, no condado de Sogn og Fjordane. Em cada um dos dois contos aparecem seres fantásticos do folclore norueguês. No primeiro, o *troll*, especificamente o *bergatroll* (“troll das montanhas”), pois também há registros de *sjøtroll* (“troll do mar”) e *skogstroll* (“troll da floresta”) e, no segundo, os *hulders*.

O *troll* é comumente descrito como um tipo de criatura gigante, desagradável, impertinente e feia. Mas, de acordo com HAGEN (2015), ele também pode ser

4 Disponível em: https://snl.no/Kommuner_i_Norge

compreendido como uma criatura anã; no entanto, como traço comum, são antisociais, agem na calada da noite e não têm características que permitam atribuir-lhes um gênero. Os *trolls* aparecem em sagas, contos folclóricos, lendas, no folclore e em textos jurídicos antigos. O habitat deles é frequentemente associado ao submundo e ao reino dos mortos e, também, às montanhas nórdicas e às florestas densas. Em materiais jurídicos antigos, são descritos como criaturas com as quais não se deve ter contato.

Nas leis cristãs mais antigas da Noruega (1000-1100 d.C.), por exemplo, está claramente escrito que é proibido entrar em contato ou buscar conhecimento com eles. Da mesma maneira, de acordo com a primeira *landslov* (“lei da terra”) da Noruega (de *Magnus Lagabøte*, 1274-1276), considerava-se uma ofensa muito grave ter contato com um *troll*, o que levava às punições mais extremas da lei: *utisator at uekia troll upp* (KEYSER, R.; MUNCH, P. A., 1848, p. 51), ou seja, “sentar-se e acordar um troll” (tradução nossa). De acordo com Knutsen & Riisøy (2007, p. 36), a interpretação tradicional de *utisator* “sentar-se” está ligada ao *seið*, um ritual mágico realizado com o intuito de ter acesso a conhecimento esotérico tanto do passado quanto do presente. Ter contato com essas criaturas por meio de diferentes formas de rituais era, portanto, uma forma de necromancia. De acordo com a lei, as evocações ritualísticas de espíritos ajudavam a promover o paganismo.

Ao comentar as características dos *trolls*, Aubert (1995, p. 16-17) afirma que os heróis e seus coadjuvantes não se intimidam com o ambiente natural das histórias; por outro lado, temem os *trolls*. Apesar de capturarem princesas, atemorizarem os homens com suas três, seis, nove ou até doze cabeças, encantarem os homens e transformá-los em bichos, também há aqueles que ajudam os homens, de boa vontade ou a contragosto, em suas peripécias. O autor também menciona que os *trolls* são descendentes dos *jotuns* da antiga mitologia nórdica e, por conta disso, apresentam uma dupla personalidade: a dupla vocação para o bem e para o mal, para se passar tanto por heróis como por vilões, para o trabalho e para a sedução, para a vida e para a morte. Para o autor, os *trolls* são ambíguos como as próprias forças da natureza que representam “[...] espelhos das montanhas, das águas torrenciais, dos ventos, das neves, dos mares bravios; são, igualmente, reflexos das grandezas e das misérias, do *Eros* e do *Thanatos* da alma humana” (p. 18).

No conto *Troll'e Paa Stalltræve* lê-se que três garotos tentam, consecutivamente, afugentar o *troll* da estrebaria, mas apenas o último, o mais novo, chamado *Øskofisen*, consegue espantá-lo. Na verdade, a partir desse nome se originou a variante do nome *Askeladden*, o famoso garoto presente em muitos contos folcló-

ricos noruegueses⁵, que tem sucesso em tudo aquilo em que os outros fracassam. O nome Øskøfisen (Oskefisen, na forma escrita *nynorsk*) significa “aquele que assopra nas cinzas”. O garoto utiliza o mesmo método de afugentamento utilizado pelo Askeladden no conto *O Askeladden que comia mais que o Troll*: “Mas Askeladden não era bobo; correu até sua mochila, pegou o queijo, e apertou-o entre as mãos, deixando escorrer o soro” (AUBERT, 1995, p. 26).

No segundo conto, *Gjenta i Lykelahaugen*, nos deparamos com outra criatura mitológica: os *hulders*. De acordo com o *Store norske leksikon*, na entrada Hulder, a *hulder* é um duende do sexo feminino que vive em morros e despenhadeiros; ela é linda, mas tem um rabo de vaca e, em alguns casos, é côncava nas costas. Ela também é reconhecida nos contos como sedutora dos homens, tem vacas muito boas e é uma excelente musicista. No entanto, o termo *hulder* pode ser utilizado como um nome coletivo para os seres do subterrâneo, como no caso da presente tradução. Em vista disso, em alguns contextos pode-se falar de *huldremenn/huldrekall*. Alguns folcloristas também entendem que *hulders* são as almas dos mortos. Aubert (1992, p. 18-19) afirma que os *hulders* “representam as forças vitais mais primitivas, sedutoras, mas que ofuscam e neutralizam o consciente humano”. A origem do nome *hulder* aponta muito mais para o segundo significado acima descrito, pois é uma derivação do verbo em antigo nórdico *hylja* “esconder”.

Outro ponto interessante nesse conto é a ocorrência de um motivo chamado *bergtaking* “atração/rapto para as montanhas”, muito comum em vários contos folclóricos. De acordo com o *Store Norske Leksikon*, na entrada *Bergtaking*, os seres do subterrâneo raptam os homens para as montanhas e, portanto, eles são *bergtatt* ou *innkvervd* (“tomados pelas montanhas”). Nas narrativas mais comuns as pessoas são forçadas por meio de feitiçaria, ou então seguem um pretendente até as montanhas. A pessoa tomada pelas montanhas não pode comer e pode ser chamada de volta por meio dos sinos de igrejas. Já consideraram como base para essas narrativas as condições psíquicas daqueles que disseram ter sofrido esse tipo de rapto (por exemplo, por meio de alucinações e perda de consciência). Por fim, o *bergtaking* tem uma grande importância nas baladas (*Liti Kjersti*, *Margit Hjukse*, etc.) e também em poemas da Idade Média.

No conto traduzido nos deparamos com uma garota que é raptada pelos *hulders* e acaba por gostar de viver junto a eles. No texto lê-se que ela vive com muito ouro, assim como o seu marido, que tem um grande nariz e que não é tão

5 Como, por exemplo, em “A princesa que sempre queria ter a última palavra”, “O Askeladden que comia mais que o Troll etc. Muitos desses contos foram traduzidos por Francis Henrik Aubert (1995).

bonito quanto ela diz. Aqui poderíamos fazer uma comparação com outros contos folclóricos em que os *trolls* são narrados como possuidores de muito tesouro, embora não haja uma menção dessa criatura nesse conto. Os *bulders*, nesse conto, também são descritos como tonéis vazios ou barris sem fundo, já que são cêncavos nas costas.

Apresentaremos, agora, algumas características do dialeto de cada um desses contos no que se refere aos substantivos fortes, em comparação ao antigo norueguês, ao *nynorsk* e ao *bokmål*. O antigo norueguês faz parte das línguas escandinavas do Oeste, junto com o antigo islandês; o antigo dinamarquês e o antigo sueco, por outro lado, fazem parte das línguas escandinavas do Leste (HAUGEN, E., 2009, p. 9). Todas elas têm registros escritos na época medieval (a partir do séc. XII). De acordo com Haugen, até o começo do séc. XV, a semelhança literária e linguística entre a Noruega e a Islândia era tão clara que é possível falar sobre uma língua e literatura comum, portanto, um antigo nórdico ocidental. As exemplificações do estágio anterior desses dialetos nesse artigo, portanto, podem existir tanto em documentos medievais noruegueses quanto islandeses.

Antes de apresentarmos alguns dos substantivos existentes nos dois contos, consideramos necessário esclarecer que a língua norueguesa tem artigo definido enclítico, assim como o romeno; portanto, *en best* (“um cavalo”), *besten* (“o cavalo”), *besten* (“os cavalos”) e *bestene* (“os cavalos”), em *bokmål*. Além do mais, trataremos aqui apenas das classes fortes, pois são as mais numerosas.

Com relação às flexões dos substantivos masculinos (classe em *-a*), no conto de Valdres, há a seguinte amostra na forma plural indefinida de caso nominativo/acusativo, desinência em *-e*: *tryaa Sone* (“três filhos”). As flexões de artigo definido enclítico em caso nominativo/acusativo singular, desinência em *-en* e *-n*, se apresentam em: *Guten* (“o menino”), *Kvelden* (“a noite”), *Stein’* (“a pedra”), *Ystylvn* (“o queijo”) e *den aro Saan’* (“o segundo filho”). Também é possível encontrar a grafia *-ø*, de acordo com a gramática de Aasen (1864, p. 135). Há também o substantivo *Far* “pai”, que está na forma indefinida e, por isso, não tem desinência.

No conto de Sogn há *Drengen* (“o garoto”) em caso nominativo/acusativo singular e definido. Com a mesma terminação encontramos *um Kvelden* (“à noite”), *i Hangen* (“no morro”), *paa Salskenappen* (“no botão da sela”), *paa Garen* (“na aldeia, da aldeia”) e *i Skogen* (“na floresta”); nessas amostras esperar-se-ia o caso dativo, no entanto, de acordo com Aasen (1853, p. 25), a região na qual ele coletou esse conto não utiliza dativo, e as palavras neste caso, portanto, fundem-se no caso acusativo. Há um exemplo de artigo definido enclítico masculino no caso nominativo/acusativo plural: *paa [...] aa Olbogadne* (“de [...] e cotovelos”), com desinência

-adne. A respeito da forma plural indefinida em caso nominativo/acusativo há *i gamle daga* (“em dias antigos”), portanto, desinência *-a*. Os substantivos *ein Dag* (“um dia”) e *Botn* (“fundo”) não têm desinências porque são indefinidos na forma nominativa/acusativa. A palavra *mæ Gudlsal* (“com sela de ouro”) também não tem desinência porque está no singular indefinido. Embora a preposição *mæ* reja o dativo, esse conto não tem dativo e, ademais, não há desinência dativa em palavras indefinidas.

A palavra *føt'na*, que tem a desinência *-na*, no contexto *att-myllo Føt'na* (“atrás entre os pés”) apresenta, de acordo com Aasen (1864, p. 160), vestígio do caso acusativo plural na forma definida (compare antigo nórdico *fæturna* [“os pés”]). O caso dativo, no entanto, se encontra no conto de Valdres: *fraa dei Mann'e* (“do homem”), *te Slutt'e* (“por fim”) e *paa Stalltræve* (“na estrebaria”), todos com desinência *-e*.

Certas preposições exigiam o caso dativo ou não no antigo nórdico, como ocorre também, por exemplo, no alemão (que, então, exige o acusativo), mas nas normas escritas do norueguês isso não ocorre, com exceção de algumas gramaticalizações como *til føts* (“a pé”), *til sjøs* (“no mar”), etc. Nos dialetos, no entanto, há vestígios do caso dativo. A preposição *te* é um caso interessante porque no antigo nórdico (como forma *til*) regia o genitivo, como apresentado nos dois casos acima; no entanto, nos dialetos rege o dativo. Kvåle (1999, p. 38) cita as seguintes preposições que regem o caso dativo: *hjá* (“junto de”), *(i)frå* (“de”), *(i)mot* (“contra”), *or* (“a partir de”, “para fora de”), *tå* (que significa *ut av*, “para fora de”), *ât/til* (“para”), *(i)mellom* (“entre”). Algumas preposições podem ou não reger o dativo como, por exemplo, *før* (“para”), *i* (“em”), *nedi* (“embaixo, para baixo”), *over* (“sobre”), *på* (“em”), *under* (“embaixo”); elas só regem o dativo se não se tratar de uma ação, mas sim de um estado.

Não há no texto de Valdres nenhuma amostra de palavras masculinas com artigos definidos no plural. Não consideraremos outros tipos de flexões, tampouco o masculino fraco da classe em *-a*, pois não há testemunhos nos contos. Podemos apresentar a seguinte tabela comparativa:

Masculinos fortes (classe em *-a*):

Antigo nórdico				
	Indefinido		Definido	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Nom.	hest	hestar	hest <i>inn</i>	hest <i>arnir</i> ⁶
Ac.	hest	hesta	hest <i>inn</i>	hest <i>anna</i> ⁷
Dat.	hest <i>í</i>	hest <i>um</i>	hest <i>inum</i> ⁸	hest <i>num</i> ⁹

Dialeto de Valdres				
	Indefinido		Definido	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Nom.	hest	hest <i>e</i>	hest'(ø/e) <i>n</i>	hest <i>adn</i>
Ac.	=	=	=	=
Dat.	Ø	Ø	hest' <i>e</i>	hest <i>o</i>

De acordo com Kvåle (1999, p. 23), o dativo só existe nas formas definidas.

Dialeto de Sogn				
	Indefinido		Definido	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Nom.	hæst	hæsta	hæsten	hæstadne
Ac.	=	=	=	=
Dat.	Ø	Ø	Hæsti	hæsto

Proposta de Aasen na gramática de 1863				
	Indefinido		Definido	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Nom.	hest	hæstar	hesten	hæstarne
Ac.	=	=	=	=
Dat.	=	=	Heste	hæstom

6 hestar + -inir

7 hesta + inna

8 hesti + -inum

9 hestum + inum

	Nynorsk		Bokmål	
	Indefinido	Definido	Indefinido	Definido
	Singular/Plural	Singular/Plural	Singular/Plural	Singular/Plural
Nom.	hest/hestar	hesten/hestane	hest/hester	hesten/hestene
Ac.	=	=	=	=
Dat.	=	=	=	=

O aparecimento do *d* em ambos os dialetos (*-adn*, *-adne*) é um caso de dissimilação fonética. Viaro (2011, p. 184) define a dissimilação como “fenômeno em que sons idênticos ou próximos do ponto de vista articulatório acabam por ficar cada vez mais distintos”. No livro sobre as características do dialeto de Valdres, Kvåle (1999, p. 13) afirma que esse é um fenômeno típico do Oeste da Noruega, que também se encontra em Sogn e Voss. Jahr (1999, p. 55-56) contribui ao afirmar que esse fenômeno não ocorre no lado Oeste, com exceção de Valdres e Hallingdal, e também se espalha por todo o Sul e por todo o Oeste.

Com relação às flexões dos substantivos femininos fortes (classe em *-i*), no conto de Valdres, há apenas dois casos de feminino: *den aro Natt'e* “a segunda noite”, que está no singular, na forma nominativa/acusativa e definida, com desinência em *-e*; e *i fjsningen* (“no início, de início”), que está no singular, forma dativa e definida, portanto desinência em *-en*. A palavra *Løv* (“permissão”) também é feminina, mas não tem desinência porque é indefinida e está no singular.

No conto de Sogn, por outro lado, há muito mais testemunhos, principalmente na forma definida. Como considerado anteriormente, não há dativo na região em que esse conto foi coletado, portanto: *te juli* (“para o Natal”), *sama Ljkelabaanki* (“o mesmo molho de chaves”), *i Bygdi* (“na aldeia”) e *i Marki* (“na floresta”) são testemunhos no singular e na forma definida; como testemunho no plural e na forma definida há *hjaa Huldidna* (“junto aos hulders”) e *te Huldidna* (“pelos hulders”). Como palavra indefinida e plural encontra-se *paa adla Sie* (“por todos os lados”), com desinência em *-e*. Palavras que estão no caso nominativo/acusativo e indefinidas e, portanto, não têm desinência: *Moro* (“diversão”), *Ri* (“período curto de tempo”) e *Tunne* (“tonel”).

Há também a palavra feminina *Gjenta* (“a menina”), que faz parte da classe em *-a*, feminina fraca, e está no singular definido na forma nominativa e acusativa. A palavra *Ulukeka* (“infartúnio”) está no singular e na forma indefinida, mas, assim como *Gjenta*, faz parte da classe em *-a*. Não consideraremos essa classe nesse artigo por haver apenas dois testemunhos.

Femininos fortes (classe em *-i*):

Antigo nórdico				
	Indefinido		Definido	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Nom.	sókn	sóknir	sóknin	sóknimar ¹⁰
Ac.	sókn	sóknir	sóknina	sóknimar
Dat.	sókn	sóknum	sókninni	sóknnum ¹¹

Dialeto de Valdres				
	Indefinido		Definido	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Nom.	sokn	sokn'e	sokne/sokni	soknidn
Ac.	=	=		=
Dat.	Ø	Ø	sokn'(e)n	sokno

Dialeto de Sogn				
	Indefinido		Definido	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Nom.	sokn	sokne	sokn'i	soknidna
Ac.	=	=	=	=
Dat.	Ø	Ø	sokn'(e)n	sokno

Proposta de Aasen na gramática de 1863				
	Indefinido		Definido	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Nom.	sokn	sokner	sokni	soknerna
Ac.	=	=	=	=
Dat.	=	=	soknenne	soknom

	Nynorsk		Bokmål	
	Indefinido	Definido	Indefinido	Definido
	Singular/Plural	Singular/Plural	Singular/Plural	Singular/Plural
Nom.	sokn/sokner	sokna/soknene	sokn/sokner	sokna/soknene
Ac.	=	=	=	=
Dat.	=	=	=	=

10 sóknir + inar (nominativo e acusativo)

11 sóknum + inum

Por fim, há as seguintes palavras do gênero neutro forte (classe em *-a*) no texto de Valdres: *paa Stalltræve* (“na estrebaria”: dativo, singular, definido), *liggi paa Træve* (“deitar no palheiro”: dativo, singular, definido), *gjikke Guten på Trav’ø* (“foi o garoto para o palheiro”: acusativo singular, definido), *For’ø* (“o feno”: nominativo/acusativo, singular, definido) e *Bergatroll’ø* (“o troll das montanhas”: nominativo/acusativo, singular, definido).

No texto de Sogn encontra-se *mykje Huldafolk* (“muitos huldurs”: nominativo/acusativo, plural, indefinido), sem desinência; *Helga-Ploggi* (“traje natalino”: nominativo/acusativo, plural, definido) e *Nabn’e sitt* (“seu nome”: nominativo/acusativo, singular, definido), ambos com desinência *-i* ou *-e*; *dei andre Nobni* (“os outros nomes”: nominativo/acusativo, plural, definido) e *paa Knett’i* (“de joelhos”), ambos com desinência *-i*, e *Huldafylgje* (“huldurs”: nominativo/acusativo, plural, indefinido). O trecho *ma Gudl aa Sylv* (“com ouro e prata”) está no caso nominativo/acusativo e é indefinido e singular, portanto não há desinência.

Neutros fortes (classe em *-a*):

Antigo nórdico				
	Indefinido		Definido	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Nom.	ár	ár	árit	árin
Ac.	ár	ár	árit	árin
Dat.	ári	árum	árinu	árunum

Dialeto de Valdres				
	Indefinido		Definido	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Nom.	aar	aar	aare(ø)	aar’e
Ac.	=	=	=	=
Dat.	Ø	Ø	aare	aaro

Dialeto de Sogn				
	Indefinido		Definido	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Nom.	aar	aar	aare (i)	aar’i
Ac.	=	=	=	=
Dat.	Ø	Ø	aari	aaro

Proposta de Aasen na gramática de 1863				
	Indefinido		Definido	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Nom.	aar	aar	aaret	aari(n)
Ac.	=	=	=	=
Dat.	=	=	aare	aarom

	Nynorsk		Bokmål	
	Indefinido	Definido	Indefinido	Definido
	Singular/Plural	Singular/Plural	Singular/Plural	Singular/Plural
Nom.	âr/âr	âret/âra	âr/âr	âret/âra (ou ârene)
Ac.	=	=	=	=
Dat.	=	=	=	=

Os substantivos no antigo nórdico têm duas desinências: a desinência de caso, que também carrega a informação de gênero e número (singular: *-r-*, *-Ø-*, *-i-*; plural: *-ar-*, *-a-*, *-um-*) e a desinência de artigo definido enclítico, que também carrega informação de gênero e número (singular: *-inn*, *-inn-*, *-inum*; plural: *-inir*, *-ina*, *-inum*). Então, por exemplo, a palavra *bestinum* “o cavalo”, no caso dativo, tem a raiz *best-*, a desinência de caso *-i-*, que indica tratar-se de um masculino singular no caso dativo; e a desinência de artigo definido enclítico *-inum*, que indica que é um masculino singular. A palavra *sókninni* (“a freguesia”), também no caso dativo, tem a raiz *sókn-*, a desinência nula (*Ø*) de caso dativo, que indica que é um feminino singular no caso dativo; e a desinência de artigo definido enclítico *-inni*, que indica tratar-se de um feminino singular.

No caso do masculino, alguns processos ocorrem como, por exemplo, a perda do *-i-* após vogais e de *-r* (HAUGEN, O., 1995, p. 158). De acordo com Skard (1973, p. 61-62), a partir do período linguístico chamado de Era Viking (aprox. 800 – 1050 d.C.), nas poesias escáldicas, ocorreu a novidade do artigo definido enclítico, algo não existente nas outras línguas germânicas. Não é claro qual pronome foi o ponto de partida para o artigo, mas nos documentos mais antigos aparecem as formas *inn*, *enn* como, por exemplo, *karl inn* (“o homem”), *Ormr inn langi* (“a grande serpente”). De acordo com o autor, na poesia escáldica o artigo definido enclítico apareceu por volta de 900 e passou a viver na língua falada desde então. Por volta de 1200, obteve uma função sintática que criou novas possibilidades para a variação estilística como, por exemplo, dar mais ênfase na determinação do substantivo ao utilizar tanto pronome demonstrativo quanto o

artigo definido, que é enclítico: *hinu bestrinn* (“aquele cavalo [mesmo]”) (SKARD, 1973, p. 107).

Nos dialetos e nas normas escritas percebe-se que o caso nominativo se fundiu com o caso acusativo. O dativo é inexistente nas normas escritas. Tanto nos dialetos quanto nas duas normas a desinência de caso em singular indefinido desapareceu. Nas normas *nynorsk* e *bokmål* há em palavras masculinas as desinências *-ar* e *-er*, respectivamente, que indicam plural/indefinido, que vieram da desinência do AN *-ar*, que indicava que a palavra era indefinida, estava no caso nominativo, no gênero masculino e no plural. Nos dois dialetos registra-se *-e* (Valdres) e *-a* (Sogn) e não há marca de dativo na forma indefinida. A desinência de singular/definido *-en* aparece tanto nas normas cultas quanto nos dialetos (também na forma *-øn* ou *-n*) e veio do AN *-inn*, que indicava caso acusativo, singular e definido. O caso dativo só aparece nos dialetos, em que AN *-i-num* originou *-e* (Valdres) e *-i* (Sogn).

Por sua vez, as desinências de plural/definido *-ane* (*nynorsk*) *-ene* (*bokmål*) aparecem nos dialetos como *-adne* (Sogn) e *-adn* (Valdres), nos casos masculino e acusativo, em que ocorreu uma dissimilação do AN *-ar-nir*, que indicava que a palavra era definida, que estava no caso nominativo e era plural. O caso dativo, no plural e definido, que só existe nos dialetos (forma *-o* em ambos), vieram do AN *-um-num* (> *-unum*).

Percebe-se, portanto, que a declinação nominal se simplifica e acaba por desaparecer nas normas escritas, mas assim mesmo as desinências nas formas escritas atuais têm vestígios da desinência de caso (singular e plural) e de artigo definido (singular e plural) como é o caso de *-ane/-ene* (< *-arne* < *-ar-nir*).

Os dois contos traduzidos nesse artigo representam o registro linguístico de duas regiões distintas e, também, seus aspectos culturais. Em vista disso, o desafio é dobrado ao traduzi-los: por um lado é necessário considerar as características dialetais e, por outro lado, os elementos culturais que se encontram no texto. Aubert (1995, p. 16-19) cita dois elementos importantes: a ambientação, que é bem diferente da visão de mundo do brasileiro, pois essas histórias se desenrolam tendo como pano de fundo as montanhas dos Alpes Escandinavos, as densas florestas de pinheiros, a miríade de lagos; e as relações sociais estabelecidas, que são bem diferentes, por exemplo, daquelas nos contos de Grimm ou do Califado de Bagdá, uma vez que o rei pode ser um latifundiário local, um fazendeiro bem-sucedido e, não raro, é tratado como *far* (“pai”), e quase nunca por Vossa Majestade.

Prøver af landsmaalet i Norge

Amostras do landsmaal na Noruega

Tradução do norueguês:
Yuri Fabri

Valders.
Trøll'e paa stalltræve

Valdres.
O *troll* da estrebaria

(...)

(...)

Dæ va eingaang ein Mann, so haddø eit stort Stalltræv, so va fullt mæ For', o fraa dei Mann'e vart dæ støle Fo'r te kor Natt, so'en va rædd'ø han sku missø dæ alt i hop.

No haddø Mann' tryaa Sone, o so va dæ ein Kveld han ba eldste Saan'sin, at'en skuldø liggji paa Træve o sjaa ette, kem dæ va, so stal For'ø.

So gjikk Guten paa Træv'ø o la' se, men han haddø inkji væl lagt se, førr dæ kom noko baland, so'en vart so rædd', at'en sprang inn att' i Stogo o sa, han inkji tordø liggji der lenger.

Den arø Natt'e skuldø den arø Saan' liggji der, men dæ gjikk dæ sama mæ hono. Den trea Kvelden kom yngste Saan' (held Øskøfis'n, so dei kalla'n) o sa, at'en vildø faa Løv liggji paa Træve.

I Fysningen vilde Far hass dæ slett inkji, men te Slutt'e fekk han da Løv, o so ba'en Mor si, at'en skuldø faa ein Ystyl, so'en ogsaa fekk, o so tok'en Ystyln mæ se, daa'en gjikk sta la' se.

Daa 'en haddø leie lite, som kom der inn eit stort Bergatrøll o vilde te ta' se eit Fo'r-Fanga. Men mæ dæ sama skraik Guten:

Era uma vez um homem que tinha uma grande estrebaria, que estava cheia de feno. Todas as noites seu feno era roubado e, assim, ele tinha medo de que acabasse.

Naquela época o homem tinha três filhos e, numa noite, ele pediu ao mais velho para que se deitasse no palheiro e visse quem que estava roubando o feno.

E então o garoto foi para lá e se deitou. Mal tinha feito isso e algo estrondoso apareceu, o que fez com que ficasse com tanto medo e então corresse para a sala de casa, dizendo que não se atreveria mais a deitar lá em espreita.

Na segunda noite seria a vez do segundo filho deitar no palheiro, mas o mesmo ocorreu com ele. Na terceira noite o filho mais novo (chamado de Øskøfisen) disse que queria ter permissão para deitar-se no palheiro.

No início o pai desaprovou o pedido, mas por fim ele deu permissão ao filho. Em seguida, ele pediu à sua mãe um pedaço de queijo. Ele o pegou e o levou correndo para o sótão para lá se deitar.

Certo tempo depois de ter se deitado apareceu um grande troll das montanhas que queria roubar um pouquinho de feno. O garoto, no entanto, rapidamente gritou:

«Ress du inkji læ For'ø vëra, ska du faa anna veta» sa'n; „e ska trystø de, so e tryste dene Stain' her.»

O mæ dæ sama trystø han Ystyn, so Møso rann or'ø. Daa Bergatrøll'ø saag dæ, at Guten va go te trystø ein Stain so hart, so skjøntø dæ nok, at Guten va stærkar en se sjøl, o daa vart dæ so rædt, at dæ sprang utatt', o kom alder mair paa dæ Træv'ø.

Sogn.
Gjenta i lykklahaugen

(...)

Dar æ ein Haug inn i Leirdal, so dei kadla Lyklahaugen; dar ha da vore felande mykje Huldafolk i gamle Daga. Da va ei Gjenta, so tente dar i Bygdí eingaan; ho vart kos-tiki Julaftaa, aa da va ingen so visste, kor ho var aavkomi; da sista dei hadde set ho, da va seint um Kvelden, daa ho gjekk ut mæ ei Lyklahaank aa skulde leita upp Helga-Ploggi sine te Juli. So lei da no fram itte ei Bil, aa so va da ein Dag, at Drengen dar paa Garen va i Marki aa skulde hogga Vi, aa best so han gjekk dar i Skogen aa tutla, so haure han noke so singla burti-i Haugen, aa daa han saag aat-um seg, so kom Gjenta gaangande aa bar sama Lyklahaanki, so ho hadde hatt, daa ho va heima. D'æ da, so Lyklahaugen ha faatt Nabn'e sitt taa. Daa kunde ho fortelja han, at ho va inn-tiki te Huldidna, aa at ho hadde faatt seg ein fin'e snild'e Mann, aa ho hadde so godt, at ho kunde ikje bere hava. Aa so fortald'ø han, kaa Sellskap ho hadde, aa kor maange dei va, aa kaa dei eitte, aa alt slikt; Mann' henna han eitte Brenthodn,

— Se você não soltar o feno, você vai ver só — disse o garoto —; eu te esmagarei da mesma maneira que esmago essa pedra aqui.

E quando esmagou o queijo, seu soro se derramava. Ao ver que o garoto era capaz de esmagar uma pedra, o troll das montanhas entendeu imediatamente que ele era mais forte e, assim, ficou com tanto medo que bateu em retirada e nunca mais voltou para aquela estrebaria.

Sogn.
A garota do morro das chaves

(...)

Há um local em Leirdal que se chama o morro das chaves. Lá havia uma quantidade enorme de huldurs nos tempos antigos. Naquela época também havia uma garota que prestava serviços na vila. No entanto, ela desapareceu na véspera de Natal e ninguém sabia o que havia acontecido. A última vez em que ela foi vista já era tarde da noite, quando ela estava indo procurar seu traje natalino com um molho de chaves na mão.

Um tempo se passou e certo dia, porém, um garoto da aldeia foi para a floresta cortar lenha. Depois de caminhar um pouquinho, ouviu algo que tilintava lá perto do morro e, ao olhar para os lados, viu chegando em sua direção a garota que havia sumido, com o mesmo molho de chaves que possuía quando ainda morava na aldeia; e foi a partir daí que o morro das chaves ganhou esse nome. A garota, em seguida, contou para ele que foi raptada pelos huldurs, que conheceu um homem lindo e gentil e que nunca havia se sentido melhor do que naquele

men dei andre Nobni kann eg ikje hugsa. Aa sist paa spurd'o han, um han inkje hadde Hug te sjaa Huldafylgje eingaang. Jau, da meint'an, skulde no sagta vore Moro te sjaa. Ja, daa ska du berre bia ei Ri, sa ho, so lengje eg æ komi inn att i Haugen, aa mi ha faatt laga oss te; fyre daa vil mi ut aa ria. Daa ska du leggja deg ni paa Knett'i aa Olbogadne aa liggja so, at du ser att-myllo Fot'na aa burt i Haugen. So gjeikk Gjenta-taa inn-att, aa naar da daa lei so laangt, at dei kunde vera færdige te koma ut, so passa Gutten paa aa lagde seg ni aa stirte ette dei. Daa kom dei ut or Haugen heila Fylgje, aa daa va Gjentaa mæ dei og; ho rei fremst taa dei adle, paa ein aaversle rar'e Hest mæ Gudlsal aa Gudlbeitl, aa sjøl va ho, so ho sku vore gudsligi adl igjøno, so da lyste taa ho paa adla Sie. Mann' henna rei næst ett'o; han va og so upp-stasa mæ Gudl aa Sylv, at da gladde i han; man han va sagta inkje so fin'e, so Gjentaa hadde sagt; fyr'an hadde so laang'e Nos, at ho rokk lika ni paa Salsknappen. Aa hellest va da no eit stort Sellskap so fylde ette; men kaa Slag da va, so dei rei paa, da va 'kje godt aa faa Skyn paa; da saag ut, so da sku vera toma Tunne, elde Kagga so inkje va Botn i. — Alt datta fekk Drengen sjaa, aa so vart ikje da meir den Gaangen. Ein a'en Gaang va da og ein, so hadde set Gjentaa i Marki aa snakka mæ ho; aa daa hadd'an spurt'o, um ho inkje va lei'e no aa vilde heim att'e. Men ho svarte da, at ho hadde so godt hjaa Huldidna heila Aar'e umkring, at ho hadde da 'kje slikt i Juli, daa ho va heima. Da va inkje so sto paa dei, aa inkje so dei va rædde fyre, anna berre han Tore Trumbeslagar; skulde han koma yve dei, so vilde han gjera ei Ulukka paa dei.

momento. Ela também contou quais eram suas companhias, quantas elas eram, o que eles comiam, entre outras coisas.

O marido da garota se chamava Brenthodn, embora tivesse outros nomes que eu não consigo lembrar. Por fim, ela perguntou para o garoto se ele não gostaria de ver os hulders.

— Sim — disse o garoto —, seria divertido vê-los.

— Então, espere um pouquinho enquanto eu volto para o morro e faço os preparativos, pois nós vamos cavalgar — disse a garota. — Então você ficará de joelhos e cotovelos de maneira que possa olhar para trás e ver entre os pés o morro lá longe.

Em seguida, a garota foi para o morro, e quando um tempo se passou, de maneira que pudessem estar prontos para sair, o garoto veio a se deitar para olhá-los. E então saíram todas as criaturas do morro, junto com a garota, que cavalgava na vanguarda com um lindo cavalo adornado com sela e freio feitos de ouro. A garota também estava decorada com muito ouro, o que fez com que luzes refletissem para todos os lados. Atrás dela cavalgava seu marido, que também estava adornado com ouro e prata; luzes também cintilavam dele, mas ele não era tão bonito quanto a garota tinha dito, pois tinha um nariz tão grande que alcançava o botão da sela do cavalo. Por fim, vinham cavalgando atrás do casal aqueles com quem eles conviviam; porém, era difícil dizer que tipo de criatura eles eram, já que pareciam tonéis vazios ou barris sem fundo. E isso foi tudo o que o garoto viu, pois sumiram de repente.

De vez em quando alguém via a garota na floresta e perguntava para ela se não estava triste e se sentia saudades de casa. Ela respondia que esteve muito bem com os hulders por todo

o ano, muito melhor do que se sentia no Natal, quando estava em casa. Não havia nada que os importunava, assim como eles também não tinham medo de nada, com exceção de Tore Trumbeslagar, o trovão, pois se ele viesse sobre eles, então seria um infortúnio.

Referências bibliográficas

AUBERT, F. R. *Askeladden e outras aventuras: uma antologia de contos populares noruegueses*. São Paulo: USP, 1992.

_____. *Novas aventuras de Askeladden*. São Paulo: Edusp, 1995.

AASEN, I. *Prover af landsmaalet i Norge*. Christiania: Trykt hos C. Werner & Comp., 1853.

AASEN, I. *Norsk Grammatik*. Kristiania: P. L. Mallings Forlagsboghandel, 1864.

BERGTAKING. In: *Store norske leksikon*. Disponível em: <https://snl.no/bergtaking>. 16 de março de 2017.

HAGEN, R. B. Troll. In: *Store norske leksikon*. Disponível em: <https://snl.no/troll>. 15 de março de 2017.

HAUGEN, O. E. *Grunnbok i norrønt språk*. Oslo: Ad Notam Gyldendal, 1995.

_____. *Norrøn grammatikk i hovuddrag*. Bergen, 2009.

HULDER. In: *Store norske leksikon*. Disponível em: <https://snl.no/hulder>. 16 de março de 2017.

KEYSER, R.; MUNCH, P. A. *Norges Gamle Love indtil 1387*. Andet Bind. Christiania: trykthos Chr. Gröndahl, 1848.

KNUTSEN, G. W.; RIISØY, A. I. Troll and Witches. *Nordic Yearbook of Folklore*, v. 63, p. 31-69, 2007.

KVÅLE, K. M. «Dè è'kji gøtt veta ko dai saia»: Talemålsending i Valdres. Fagernes: Trykt i Valdres Trykkeri, 1999.

LUNDEN, K. *Norsk gråhysing: norsk nasjonalisme 1770-1814 på allmenn bakgrunn*. Oslo: Samlaget, 1992.

SEJESTED, F. Mossekonvensjonen. In: *Store norske leksikon*. Disponível em: <https://snl.no/Mossekonvensjonen>. 14 de março de 2017.

SKARD, V. *Norsk språk historie. Til 1523*. Bind 1. Oslo/Bergen/Tromsø: Universitetsforlaget, 1973.

VIARO, E. *Etimologia*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.